

Funai teme repetição de conflito entre os ticunas e brancos

BENJAMIN CONSTANT, AM — Depois que 20 homens armados, liderados pelo madeireiro Oscar Castelo Branco, mataram 14 índios — segundo os próprios ticunas, e 12, de acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) — e feriram 27, na segunda-feira passada, o grupo indígena só pensa em vingança. O massacre ocorreu na localidade de Capacete, Município de Benjamin Constant, no Alto Solimões. Quatro corpos já foram encontrados e dez continuam desaparecidos, inclusive os de quatro crianças. O clima é tenso e a Funai admite que poderá haver novos conflitos.

O Comandante do 1º Batalhão do Alto Solimões, Coronel Alfredo Sebastião, e o Delegado federal Ari Marinho, responsável pelo inquérito que apura a chacina, vão hoje à localidade de Capacete, tentar acalmar os índios. O critério de justiça dos ticuna, considerado um grupo pacífico, é simples: "Quem matou tem que morrer", diz Nguiaçura Monton, ou Mário Valentim, líder indígena que perdeu um filho de dez anos e teve uma filha de seis anos baleada com vários tiros, inclusive na cabeça.

Depois de prender 18 dos 20 envol-

vidos, a Polícia Federal soltou todos os acusados, embora tenham confessado o crime, sob a alegação de que não foram detidos em flagrante. Mas as armas apreendidas — 19 espingardas calibre 16 e duas Winchester calibre 44 — não foram devolvidas.

Mais uma vez, o motivo da chacina foi a terra. Em 1984, o Ministério da Reforma Agrária e a Funai delimitaram as áreas que caberiam aos índios e aos brancos. Dois anos depois, a Funai fez a demarcação da reserva dos ticuna, mas ofereceu valores considerados baixos pelos posseiros. Isso acirrou os ânimos. Para a retirada dos brancos, o Governo ofereceu lotes e permitiu que permanecessem no local até o pagamento das indenizações, o que irritou os índios. Eles começaram, então, a assustar os brancos que teimavam em ficar em suas terras, entre eles Oscar Castelo Branco.

O Chefe da Divisão Fundiária da 5ª Superintendência da Funai, Sebastião Carlos Batista, chegou a Tabatinga justamente na segunda-feira passada — dia da chacina — para acertar o pagamento das indenizações.

Cimi afirma que 12 foram chacinados

BELÉM — Em nota oficial que está sendo publicada hoje na imprensa desta Capital, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) afirma que foram 12 e não apenas três, como noticiado na imprensa, os índios chacinados pelo fazendeiro Oscar Castelo Branco, no último dia 28, no Município de Benjamin Constant, Amazonas.

Assinada por seu Presidente, o Bispo do Xingu, Dom Erwin Krautler, a nota do Cimi classifica a chacina de genocídio e exige "a imediata apuração, através de inquérito policial, da responsabilidade dos funcionários e dirigentes da Funai pela ausência de providência, bem como da autoria do crime". Pede ainda "a imediata retirada de todos os ocupantes não-índios da área".

O Cimi lembra que "num massacre comandado pelo madeireiro Oscar Castelo Branco, 12 índios ticunas da área indígena São Leopoldo, foram assassinados. O ataque ocorreu próximo à casa do ticuna Azeliari Flores Salvador, limite oeste da área indígena".

"Ao meio dia daquela segunda-feira — continua a nota — vários ticunas estavam trabalhando comuni-

tariamente, quando foram surpreendidos por aproximadamente 20 homens armados, que chegaram em um barco e tinham à frente Oscar Castelo Branco".

Segundo o Cimi, o índio ticuna Pucuruccu, presente no local dos assassinatos, disse que vários deles foram fuzilados dentro d'água. Além dos 12 mortos, entre eles crianças, 21 outros índios ficaram feridos e 18 estão internados no hospital de Tabatinga, no Amazonas.

Diz ainda o Cimi que Oscar Castelo Branco, irmão do Prefeito de Atalaia do Norte (AM), Sidnei Castelo Branco, vive na área indígena São Leopoldo, declarada de ocupação indígena pelo decreto 92.553, de 15 de abril de 1986.

Segundo a nota, Pucuruccu informou que os ticunas mortos e desaparecidos são: Natalindo Lucindo, Jordão Lourenço e Lourenço Forte, da comunidade Porto Lima; Valentino Julião, Raimundo Modestino, Batista Martins e Marcos Tertuliano, da comunidade São Leopoldo; Jucá Luciano, Angelito Luciano, Davi Luciano, Agrepino e Aldemir Mário, da comunidade Porto Espiritual.